

MILTON SANTOS – ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA E OBRA

Maria Auxiliadora da Silva*

Brotas de Macaúbas, Chapada Diamantina, 3 de maio de 1926, nasce Milton Santos, filho de Adalgisa Umbelina de Almeida Santos e Francisco Irineu dos Santos, ambos professores primários formados pelo Icoia. No ano de seu nascimento, o Brasil passa por uma grande agitação política e social, com a impopularidade do então Presidente da República, Artur Bernardes, e a eleição de Washington Luís. É a época da Coluna Prestes.

A família de sua mãe, cujos pais eram também professores primários, gozava de prestígio por onde passava. Já a família paterna era mais humilde e descendia de escravos. Os pais de Milton sabiam que o caminho para a liberdade era a educação. Conheceram-se em 1921, e poucos dias da festa de formatura do Sr. Francisco, na escola Normal de Salvador. D. Adalgisa ingressaria na mesma escola em 1924, casando-se nesse mesmo ano. Partiram, então, para Brotas de Macaúbas, onde morava um irmão mais velho de D. Adalgisa, Dr. Agenor, advogado brilhante na região, conhecedor do latim e do grego. Sua clientela era importante e seu projeto de vida deu certo, a ponto de ser proprietário de um Ford Bigodé, que às vezes saía de circulação, pois a gasolina vinha de Salvador e nem sempre chegava.

O curso primário, Milton o fez em Alcobaça, com os pais, que lhe ensinaram o francês, entre os oito e dez anos. Ali nasceram Nailton e Yeda, seus irmãos. Aos 10 anos, prestou exame de admissão no Instituto Baiano de Ensino, tradicional colégio de Salvador, dirigido pelo professor Hugo Balthazar da Silveira. Passou em primeiro lugar e foi aceito como aluno interno. Pela primeira vez longe da família, conhece o significado da palavra saudade. Foi colega e amigo de Dr. Geraldo Milton da Silveira, Deziro Menezes Pereira, Methódio Coelho, Bernardo Leone, entre outros. Criou e dirigiu o jornal *O Farol*, que promovia debates literários e difundia conceitos filosóficos. Mais tarde fundou *O Luzitino*, para o qual "redigia textos, incentivava os colegas a fazê-los, revisava-os, fazia a paginação e distribuía o jornal", segundo Geraldo Milton, que acrescenta: "Nenô eram

* Instituto de Geociências (IGEO) - Universidade Federal da Bahia.

publicadas obras de romancistas, contistas, poetas pobres e iniciantes e literatura de cordel."

"Na minha geração, ser cultivado fazia parte da vida". Havia o culto a escritores e intelectuais como Castro Alves, Rui Barbosa, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Eça de Queiroz, cujas obras eram lidas e comentadas. Milton Santos sempre se distinguiu em Matemática e Filosofia. Em Geografia, era admirador de Josué de Castro, descoberto através de seu professor do Curso secundário, Oswaldo Imbassay. Bem mais tarde, os dois, Milton e Josué, exilados na França, reencontraram-se, infelizmente por pouco tempo, pois Josué veio a falecer em seguida, sem receber as homenagens que o Brasil lhe devia. Nessa época, como Milton costumava dizer, a Bahia era uma "ilha", uma cultura não industrializada.

Terminado o curso no Baiano de Ensino, Milton se preparou, no Colégio da Bahia, para entrar na Faculdade. A influência do tio Agenor foi fundamental na escolha da carreira. Milton fez a Faculdade de Direito. O Brasil declarava guerra aos países do eixo: Alemanha, Itália e Japão. Nessa época, criou o Partido Estudantil Popular (PEP) e a Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas (Abes), uma alternativa da UNE. Chegou a ser candidato à presidência da UNE, mas foi aconselhado a trocar sua candidatura para vice, deixando a presidência para um amigo comunista, Mário Alves, com o argumento de que um negro teria dificuldades em interagir com as autoridades. A chapa foi eleita, Milton aceitou o cargo de vice, mas nunca esqueceu esse fato. Participou, também, da embaixada pró-construção do mausoléu de Castro Alves e saiu com caravana de estudantes pelo interior do Estado, para arrecadar fundos. Foi seu companheiro, entre outros, Geraldo Milton. Nessa ocasião, Milton Santos ministrava aulas de Geografia Humana, explicando aos alunos "os novos rumos das relações políticas que a guerra vinha determinando no planeta."

Já na Faculdade de Direito, Milton empolgava seus colegas com discursos pela democracia. De seu grupo de intelectuais, faziam parte Fernando Santana, João Falcão, Jacó Gorender, entre outros. O término do curso de Direito coincide com a morte do seu Tio Agenor, numa travessia do Rio São Francisco quando voltava de Salvador, onde fora articular sua campanha para deputado estadual. Um episódio entre dois grupos pela disputa do grêmio estudantil fez com que Simões Filho, ministro da educação e dono do poderoso jornal *A Tarde*, conhecesse Milton e o convidasse para trabalhar na redação do jornal quando terminasse a Faculdade. Esse foi o início de uma amizade profunda e

duradoura entre os dois. Era uma época movimentada, com o fim do Estado Novo e da 2.ª Guerra Mundial.

Os pais de Milton, após a longa estada no interior, voltaram para Salvador em 1940, estabelecendo-se na casa de D. Maria José, tia de Milton, no Gravatá, localidade no entorno da Baixa dos Sapateiros. Poucos anos depois, com financiamento da Caixa Econômica, compram a casa da Estrada da Rainha, onde fundam uma escolinha, que funciona até hoje sob a direção da professora Altair Gabrielli, prima de Milton.

Depois de formado, Milton foi professor de Geografia do Icleia e do Colégio Central. Submeteu-se a concurso com a tese *Povoamento da Bahia*, passando, então, a ocupar, como catedrático, a cadeira de Geografia Humana do Ginásio Municipal de Ilhéus, ocasião em que já era correspondente do jornal *A Tarde*. A maneira como descrevia os fatos e a elegância dos textos fez de Simões Filho seu admirador. Auta Rosa Calazans Neto, em conversa informal, conta que, ainda menina, no colégio das freiras, ela e suas colegas, em Ilhéus, admiravam aquele professor que dava aulas no Ginásio Estadual, sempre elegantemente vestido, sem dispensar o colote. Uma dessas meninas, Maria da Conceição Malta (falecida recentemente), veio a ser, posteriormente, uma das suas colaboradoras no Laboratório que, mais tarde, seria fundado para os trabalhos de pesquisa em Geografia na UFBA. Incentivada por ele, como o foram muitos outros, seguiu à França para fazer um curso de Pós-Graduação, onde se casou, tornando-se Lecarpentier. Recebeu apoio intelectual e financeiro do Dr. Milton e da "família" do Laboratório para a primeira viagem à França. Durante todo tempo, permaneceram amigos.

Ilhéus foi fundamental para Milton. Lá ele escreveu artigos de grande importância para o jornal e publicou o livro *A Zona do Cacau*, onde já aconselha veementemente as autoridades e os proprietários de terra a abandonarem a monocultura, sob pena de sofrerem um desastre econômico mais tarde. Nessa época, começa a se interessar pela Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), após uma das viagens ao Rio de Janeiro para curso de férias promovido pelo IBGE e onde conhece Aroldo de Azevedo e outros grandes nomes da Geografia da época. É em Ilhéus, também, que conhece Jandira Rocha, com quem se casa e tem o primeiro filho, Milton Santos Filho – brilhante professor da Faculdade de Economia da UFBA e Secretário de Finanças da gestão Lúdice da Mata. Milton Filho, falecido prematuramente em plena fase de produção intelectual, foi casado com Ana Fernandes, professora doutora, atual diretora da Faculdade de Arquitetura da UFBA, com quem teve dois filhos, Nina e Alei.

A morte de seu filho, em 1996, bem como, a de seu irmão Nailton, pouco depois, é um duro golpe para Milton, muito ligado a ambos. Por volta de 1955 ou 1956, vem para Salvador já casado e assiste à formatura de Nailton, seu irmão, também bacharel em Direito. Yeda, sua irmã, então estudante de Medicina, ministrava cursos de inglês, alemão, latim, e espanhol na casa da Estrada da Rainha. Milton aluga um apartamento no Loteamento Lanat, muda-se em seguida para o Tororó, e, finalmente, para o Chame-Chame.

Nessa época, ocupava o cargo de editorialista do jornal *A Tarde* e de professor da Faculdade Católica de Filosofia, cujo diretor, irmão Gonzaga, dedicava uma grande amizade e admiração ao jovem professor. Do jornal *A Tarde*, tinha como amigos o professor Ari Guimarães e Jorge Calmon, esse último, redator chefe do jornal. Nessa época, as amizades tinham um significado maior. Durante o tempo em que permaneceu nesse jornal, escreveu 116 artigos versando sobre a zona do cacau, a cidade de Salvador, Europa, África e outros temas locais e globais: A formação de Milton muito se deve a Simões Filho, com quem tinha uma relação de admiração mútua. Uma grande e atetuosa família: esse era o caráter que Simões Filho quis imprimir à redação do seu jornal. Mais tarde, esse exemplo seria seguido por Milton Santos, com sua equipe do Laboratório de Pesquisa em Geografia, fundado em 1959.

Em 1956, por ocasião do Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro, Milton encontra-se com os grandes geógrafos já conhecidos por suas obras, tais como o português Orlando Ribeiro e os franceses Pierre Monbeig, Pierre Delfontaines, Pierre Birot, André Cailleux e o seu mestre maior, Jean Tricart, sobre este último, dizia ele “aprendi o rigor, a vontade de disciplina, a obediência a projetos e o gosto de discutir”. Impressionado com a inteligência e a cultura do jovem professor, Tricart, convida-o para um curso de Doutorado no Instituto de Geografia da Universidade de Strasbourg, um dos mais renomados da Europa. Assim, Milton Santos fez a sua primeira grande travessia do Atlântico, em direção ao que seria, mais tarde, seu segundo país, ao recebê-lo, anos depois, como exilado.

Em Strasbourg, apesar de ser tratado como professor, tinha contatos diretos e agradáveis com estudantes do mundo inteiro que freqüentavam essa grande Universidade. Sobre ele, escreveu o professor Tricart: “O humor, a alegria, e o sorriso de Milton, classificado como inimitável, conquistaram a simpatia de toda a equipe da Universidade”. Milton Santos costumava dizer que essa primeira longa viagem foi a “grande mudança da sua visão de mundo e da concepção política”. A

partir da Europa, seguiu para o seu primeiro contato com a África, e a compreensão dos dois continentes o inspirou a escrever *Marianne em preto e branco* (Marianne, figura feminina, que simboliza a França), publicado em 1960. Diz Milton: “...a herança francesa é muito forte, embora eu tente me libertar dela até com certa brutalidade. Mas ela é responsável por um estilo independente que aprendi com Sartre, distante de toda forma de militância, exceto a das idéias”.

Volta à Bahia, após defender, com brilhantismo, sua tese de doutorado *O Centro da Cidade do Salvador*, um clássico da Geografia, tão atual como se fosse escrito hoje. Ainda como professor da Faculdade Católica de Filosofia, trazia professores franceses (Jean Tricart, Pierre George, Jacqueline Besujou-Garnier, Etienne Juillard, Michel Rochefort, Pierre Monbeig, Guy Lassèrre, Bernard Kayser, dentre outros), portugueses (Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito, Fernandes Martins e outros) e brasileiros (Manoel Correia de Andrade, Araújo Filho, Aziz Ab'Saber, Aroldo de Azevedo, Orlando Valverde, Penteado, Luís Rodrigues, Lyzia e Nilo Bernardes, entre outros) para conferências abertas ao público. Entre esses professores encontravam-se também as jovens professoras Teresa Cardoso da Silva, Nilda Guerra de Macedo e Ana Dias da Silva Carvalho, as duas primeiras também recém-doutoras por Strasbourg. Em fins da década de 50, Milton inscreve-se no concurso para livre docência da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia mas, surpreendentemente, o concurso não se realiza, por razões que o professor Délio Pinheiro classifica como vinculadas a uma “oligárquica e segregacionista sociedade baiana de belas gravatas e verdades encobertas”. Milton Santos recorre à justiça, tendo como advogado o então Deputado Federal e futuro Senador Nelson Carneiro, vencendo em todas as instâncias e tendo se submetido ao concurso em 1960, com a tese *Os Estudos Regionais e o Futuro da Geografia*.

Após a chegada à Bahia, em 1958, vindo da França, instala seu escritório no Edifício Antônio Ferreira, na rua Chile. Nessa ocasião, conhece, numa cerimônia, o então reitor da Universidade, Edgard Santos. Como é de costume na França o cumprimento com um aperto de mão, Milton faz esse gesto em direção ao reitor, tido como aristocrata, que fica impressionado com a simpatia e elegância do jovem professor e, por isso, num encontro dias depois, encarrega-o de organizar um grupo de pesquisa, em cujo nome, entretanto, não deveria figurar a palavra Geografia, já que a direção não seria dos professores da Faculdade.

Assim, com o apoio do reitor Edgard Santos e do encontro com o professor Tricart, no Hotel da Bahia (único hotel moderno da cidade

naquele tempo), representando a Cooperação Técnica Francesa, cria-se o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade da Bahia, em primeiro de janeiro de 1959. Nessa época, a França – com o general De Gaulle na Presidência e o Ministro da Educação, André Malraux – abria-se culturalmente, sobretudo para a América Latina. A essa altura, com equipe já organizada, formada pelas três jovens professoras acima citadas, por jovens estudantes de Geografia e de História e por recém-formados, inicia-se a fase da pesquisa de Geografia da Bahia, cujo ensino, na Universidade da Bahia, já contava com nomes de peso como o dos professores Daimo Guimarães Pontual e Waldir Freitas Oliveira. Para sediar os trabalhos do grupo, o professor Hélio Simões cedeu um espaço do seu Laboratório de Estudos Portugueses, nos fundos da Faculdade de Filosofia. Nesse mesmo ano, Milton Santos organiza o IV Colóquio Internacional Luso-Brasileiro, com o patrocínio da Universidade da Bahia e da Unesco. Nessa ocasião, professores vindos de várias partes do mundo trocaram idéias no campo da Geografia e das Ciências Sociais.

A década de 60 pode ser considerada como a época áurea de Geografia na Bahia, pois o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais representou uma proposta acadêmica renovadora. Nele, a ciência geográfica era tratada não apenas como técnica, mas com reflexão. Além de atrair jovens vindos de todo o Brasil e da França, no Laboratório, a motivação era constante: trabalhos de campo, seminários, cursos, apresentações de trabalhos, leituras comentadas, reuniões científicas, enfim, um ambiente de efervescência cultural e científica. Estudos e diagnósticos sobre Salvador e o Estado da Bahia foram realizados pela equipe a partir de solicitações de organismos administrativos. O ambiente era de troca intelectual sem competições negativas. Dessa forma, Milton Santos promove a Geografia ao status de disciplina nobre, aproximando-a de outras ciências: política, economia, história, sociologia e filosofia.

É desse tempo (entre 1959 e 1964), o trabalho exaustivo denominado Programa de Estudos Geomorfológicos e de Geografia Humana da bacia do Rio Paraguaçu – estudo que teve o objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida das populações locais –, realizado por solicitação da Comissão de Planejamento do Estado e com o apoio do Instituto Joaquim Nabuco, de Pernambuco. Outro grande projeto foi o estudo sobre o uso da terra nas zonas cacauzeira e ocidental do recôncavo, para o Serviço Social Rural, já com análise aerofotogramétrica. Entre 1958 e 1964 foram publicados mais de 60 títulos, livros e artigos de revistas, de autoria de professores brasileiros e

estrangeiros. Os deslocamentos eram feitos em um *Citrôen deux-chevaux*, modelo especial para trabalho de campo, oferecido pela Cooperação Francesa, que também doou equipamento para o LGERUB, e no ônibus da recém fundada Escola de Geologia da Universidade.

Era nessa época que o Dr. Thales de Azevedo, então diretor da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, mantinha um seminário freqüentado por sociólogos, geógrafos, economistas, antropólogos. Distinguíam-se intelectuais como Jorge Calmon, Frederico Edelweiss, Raymond Vander Haegen – cônsul da França e diretor da excelente Casa da França –, Clarival do Prado Valadares, Pinto de Aguiar, Luis Navarro de Brito, Valentin Calderon, José Calazans, Luis Henrique Tavares, Edite da Gama e Abreu, Isaias Alves, Lísia e Vital Duarte, Fernando Santana, e os muito jovens Fernando Pedrão, Severo Salles e Remy de Souza, entre outros. Nesse ambiente, cria-se o Boletim Baiano de Geografia, que se mantém até 1969 publicando artigos de geógrafos do Brasil e da França. Na mesma época, destacam-se ainda outros centros de ensino e pesquisa, tais como o Instituto de Economia e Finanças, o Gabinete de Estudos Portugueses, o Laboratório de Fonética e o Gabinete de Filologia Românica.

Durante todo esse período, a equipe do laboratório participava ativamente das reuniões anuais da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), nas quais se estudava, exaustivamente, a cidade sede do encontro e seu entorno. Durante 15 dias, a AGB era um espaço intelectual importante. Em 1963, Milton Santos é eleito presidente da Associação, enfrentando, em Penedo (Alagoas), sede da reunião da AGB em 1962, preconceitos quanto à sua candidatura, sendo veementemente defendido, na ocasião, por Caio Prado Júnior, então editor da *Brasiliense*. Um ano depois, realiza-se com grande sucesso a reunião anual em Jequié, sob a presidência de Milton.

A brilhante carreira do professor tomou vários rumos quando Jânio Quadros, eleito Presidente da República, mostrou desejo de levar, na sua viagem a Cuba, um dos redatores do jornal *A Tarde*, e o professor Jorge Calmon, redator-chefe do jornal, indicou Milton Santos. Essa viagem aproximou os dois, Jânio e Milton, e, logo após ser empossado, Jânio o convidou para ser subchefe da casa civil na Bahia, cargo que exerceu durante o curto mandato do presidente. Nessa ocasião, propôs, a Jânio, medidas como punições a bancos e exportadores e imposto sobre as grandes fortunas, que foram acatadas pelo presidente.

Logo depois, o governador Lomanto Júnior o nomeou presidente da Comissão de Planejamento Econômico (CPE), cargo que ele deixou

em 1964. Durante o exercício desse cargo, entre 1963 e 1964, Milton Santos tratou de temas de política econômica e planejamento regional a partir de uma perspectiva científica, utilizando-se da linguagem acadêmica. Apesar de exercer cargos tão importantes, nunca negligenciou seu trabalho no Laboratório. Aquele casa de pesquisa funcionava como uma grande família, onde a confiança, a solidariedade e o companheirismo eram a tônica. Todos que desejaram tiveram a oportunidade de realizar cursos de pós-graduação na França ou na África, desenvolvendo suas aptidões, sempre estimulados pelo professor Milton Santos, que transmitia, além de ensinamentos, motivação e autoconfiança, através do pensamento autônomo, crítico e criativo. Com sua capacidade incontestável de gestor, compreendia diferenças e incentivava a produção.

A implantação de uma nova filosofia de trabalho em Geografia, até então inexistente no Brasil, abriu espaços para a geração de pesquisas, capazes de movimentar outras mentes e acionar novas idéias. Em meio a esse clima, Milton é colhido pela longa noite iniciada em 1964. Avisado de que corria perigo, é convidado pelo professor Van der Haegen, cônsul honorário da França, para abrigar-se em sua casa, e Nailton, seu irmão, é acolhido na casa de Celso Furtado. De nada adiantou para Milton, pois enquanto Nailton, ainda em abril, partia para o México, Milton era preso e enviado para o 19-BC, no Cabula – um fim de mundo, na época –, onde parte de sua equipe do laboratório e seus amigos iam diariamente visitá-lo, sem poder aproximar-se muito. Com ele, na cela, no “espaço doméstico”, ficaram Auto de Castro, professor de Filosofia da Universidade da Bahia, e o engenheiro Ernesto Drenthar, superintendente da Refinaria Landulfo Alves, de Mataripe.

Sobre Milton, diz Auto de Castro:

Em 1949, conheci Milton, A Bahia, nessa época, era muito pequena. Havia uma convergência social para a rua Chile; a elite da Bahia se reunia no Café de Bernadete, que era a sede do Partido Socialista. Era uma portinha junto a Livraria Civilização Brasileira, mais tarde sede da VASP. Intelectuais, poetas, gente da Academia de Letras e políticos aí se reuniam, enquanto moças casadouras, senhoras da sociedade e até a burguesia baiana destilavam entre às 16 e 18:30 na rua famosa. Naquela época, havia um espírito na cidade: comentários, anedotas e todos os fatos políticos eram imediatamente conhecidos na rua Chile, devidamente descobertos e criticados. Hoje não existe mais isso – a cidade cresceu muito e perdeu esse espírito.

Enquanto esteve na prisão, chegavam cartas e convites de várias universidades francesas. O próprio Van der Haegen serviu de intermediário entre o governo francês e o Coronel Humberto Melo, responsável pelo 19-BC, segundo, ainda, Auto de Castro. Na véspera de São João, devido a um início de derrame, foi levado ao hospital e depois solto. Tentou continuar sua vida de cidadão e de intelectual, mas o Brasil fechou-lhe as fronteiras. Em dezembro, viveu uma das suas experiências mais dolorosas: deixar o Brasil, seu filho Milinho (o casamento já tinha terminado), sua família, seus amigos, suas raízes. Partiu para a Universidade de Toulouse Le Mirail, onde seu “irmão” francês, professor Bernard Kaiser, o esperava, tentando proporcionar-lhe um ambiente de trabalho favorável e oferecendo-lhe amizade. Mais tarde, na mesma Universidade, recebeu o título de Doutor *Honoris-Causa*, o primeiro dos 20 que receberia durante toda a sua vida.

É preciso dizer que, embora afastado fisicamente, Milton continuou, intelectual e emocionalmente, ligado à Bahia, e foram muitos os trabalhos que aqui continuaram a se realizar sob sua orientação. As professoras Antônia Dea Erdens e, posteriormente, Tereza Cardoso da Silva, no Laboratório, continuavam o trabalho de Milton, dirigindo a equipe por ele formada.

De Toulouse, onde ficou por três anos, Milton Santos fixa-se em Bordeaux. Lá, entre os seus alunos, havia uma que se distinguia dos demais, Marie Hélène Tiercelin, que mais tarde viria a ser sua mulher nos últimos quase trinta anos, mãe de seu segundo filho, Rafael. Marie Hélène foi um marco em sua vida pessoal e intelectual. Proporcionou-lhe, no ambiente de trabalho, a paz, a tranquilidade e o equilíbrio necessários ao grande pensador. E, sendo geógrafa, trocava com ele idéias de trabalho, além de ter feito as traduções de vários de seus livros. Observa-se que a fase de grande produção intelectual de Milton começou no início de 70, com Marie Hélène.

A partir de 1964, também começa a sua longa trajetória pelo mundo. De Bordeaux, onde fica durante um ano, vai para Paris, onde convive com amigos franceses, entre os quais Michel Rochefort, Jacqueline Beaujeu-Garnier, Pierre George, Guy Lassère, George e Niki Coutsinas, Olivier Doffus, Jacques Levi e brasileiros, entre os quais Miota e Luis Navarro de Brito, Miguel Arraes, Celso Furtado, além de alunos brasileiros que cursavam o doutorado em diversas universidades francesas. Para a Venezuela, onde foi contratado para estudar Caracas no programa *Venezuela Hoje*, financiado pelo governo da Venezuela e pela ONU, segundo informações da professora Dr.ª Antônia Dea Erdens, leva consigo

alguns colaboradores: dois brasileiros, a própria Antônia Dea e Lúcia do Prado Valadares, e duas francesas: professora Hélène Lamicq – hoje reitora da Universidade de Creteil (FR) –, e Marie Hélène Tiercelin. Antes de seguir para Toronto, casa-se, no Haiti, em 1972, com Marie Hélène. Viajam, depois, para a Universidade Politécnica de Lima (1973), Dar-es-Salaam (1974-1976), onde se torna amigo do então presidente Nyerere. Daí seguem para a Columbia (NY 1976-1977) e novamente para a Venezuela (1975-1976). Foi também professor pesquisador, durante dois anos, do Massachusetts Institute of Technology, Cambridge (1971-1972), quando é convidado para fundar um Laboratório de Geografia na Nigéria, África.

Marie Hélène está grávida de Rafael. Como um presente para Milton, para que seu filho nascesse baiano, Marie Hélène decide vir à Bahia. Era o pretexto que ele precisava para voltar em definitivo ao Brasil, já que, as duas vezes que aqui esteve, antes de 1977 – uma das quais para a SBPC e a convite da professora Maria de Azevedo Brandão –, foram passagens rápidas. Durante os treze anos fora do país, estruturou a base do pensamento que analisa o impacto social provocado pelo desenvolvimento urbano, político e econômico. Milton volta, conhecido e admirado mundialmente, já com várias obras publicadas. Trazia um novo livro que iria revolucionar a Geografia pelos seus conceitos, *Por uma Geografia Nova*, dedicado a Lígia Ferraro, sua amiga, morta prematuramente. O lançamento do livro aconteceu na Livraria Civilização Brasileira da Avenida Sete, nas Mercês. No mesmo ano, professor Milton enche um auditório do Instituto de Geociências da UFBA, com cerca de 200 pessoas, vindas de todas as partes do Brasil, num curso de extensão sobre *A Cidade Mundial de Nossos Dias*. Nasce Rafael, em julho de 1977.

A UFBA, entretanto, não se interessa por reintegrá-lo como professor. Em anos anteriores, vários reitores foram procurados para que trouxessem Milton do seu exílio. Algumas promessas foram feitas, em vão. A UFBA, em 1977, continuou em silêncio; assim como as demais universidades do Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul. Milton Santos vai para o sul, trabalha entre São Paulo e Rio de Janeiro como consultor. Em São Paulo, é convidado por sua amiga Maria Adélia Aparecida de Souza, na época coordenadora da Ação Regional do governo Paulo Egydio Martins, para trabalhar como consultor, enquanto não conseguia uma função na Universidade. Em 1979, vai para o Rio de Janeiro onde é contratado como professor assistente. Continuou realizando trabalhos esporádicos. Foram anos difíceis, pelo fato de não saber o que lhe reservava

o futuro, para ele e sua pequena família. Finalmente, em 1984, com o apoio de jovens professores, submete-se ao concurso para titular na USP. Foi fundamental, nesse momento, o apoio dos amigos Maria Adélia Souza e Araújo Filho, da mesma forma que a professora Maria do Carmo o foi, na UFRJ. Na USP, manteve um grupo de pesquisadores nos mesmos moldes do antigo Laboratório de Geomorfologia, os quais continuam até hoje. A partir daí, a carreira brilhante de Milton Santos começou a decolar no Brasil, apesar de já ser conhecido no mundo inteiro. Os convites do exterior continuaram.

Foi professor visitante da Universidade de Stanford, na Cátedra de Joaquim Nabuco (1987-1988), diretor de Estudos em Ciências Sociais na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris, 1998), consultor das Nações Unidas, OIT, OEA e Unesco, consultor junto aos governos da Argélia e Guiné Bissau e junto ao Senado Federal da Venezuela, para questões metropolitanas. Participou também do comitê assessor do CNPq e foi coordenador da Comissão de Coordenação dos Comitês Assessores desta instituição (1982-1985). Trabalhou como coordenador da área de Arquitetura e Urbanismo da Fapesp (Fundação para o Amparo a Pesquisa no Estado de São Paulo) (1991-1994). Foi membro da Comissão de Alto nível do Ministério da Educação, encarregada de estudar a situação de ensino no país (1989) e da comissão especial da Assembleia Constituinte do estado da Bahia, encarregado de redigir um ante-projeto de Constituição Estadual (1989). Presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur 1991-1993) e da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege 1993-1995).

Em 1994, recebeu o Prêmio Internacional Vautrin Lud, correspondente ao Nobel da Geografia, tendo como proponente o professor Jorge Gaspar, da Universidade de Lisboa. Costumava dizer que, a partir desse prêmio, a mídia brasileira lhe abrirá as portas. Recebeu-o na pequena cidade de Saint-Dié des Vosges, coincidentemente na região da cidade de Strasbourg, onde havia defendido, na década de 50, o seu doutorado. Pela primeira vez na história, esse prêmio foi outorgado a um geógrafo que não era nem francês, nem norte-americano.

Milton Santos recebeu, ainda, mais de duas dezenas de medalhas, tais como: Medalha de Mérito, Universidad de La Habana, Cuba, 1994; Colar do Centenário (Conjunto de Obra em Geografia) do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1997; Ordem 16 de setembro – Primeira Classe, Estado de Mérida, Venezuela, 1998; 11.ª Medalha Chico Mendes de Resistência, Grupo Tortura Nunca Mais, Rio de Janeiro, 1999; Medalha

do Mérito, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1999, entre outras. Dentre os prêmios destacam-se: Vozes Expressivas do Final do Milênio, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1997; Personalidade do Ano, Instituto de Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro, 1997; Homem de Ideias, 1998, *Caderno Ideias, Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1998; O Brasileiro do Século; *Revista Isto É*, 1999 (laureado na categoria Educação, Ciência e Tecnologia – entre 20 personalidades); Prêmio Jabuti (melhor livro de Ciências Humanas) 1997, com *A natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (Hucitec, São Paulo, 1995); prêmio Unesco na categoria Ciência, 2.^a edição, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, Brasília, 2000. Seu último prêmio foi o Multicultural Estadão Cultura, em junho de 2000, concorrendo com inúmeras personalidades e sendo votado por milhares de brasileiros. Numa cerimônia carregada de emoção e beleza, disse:

Considero a indicação do prêmio Multicultural Estadão Cultura como um presente expressivo que coroa, de alguma forma, o meu trabalho intelectual (...) Meu desejo secreto, o desejo dos pensadores, e é difícil confessá-lo, é que o seu trabalho possa ter alguma repercussão, sobretudo quando ele ultrapassa os limites da sua própria área e da universidade. O fato de seu trabalho ter uma visibilidade em camadas mais amplas da sociedade dá ao seu autor, não à certeza que ele tenha o aplauso geral, mas um certo conforto de ver que o seu discurso não é um discurso fechado. *Agradeço a todos que votaram em mim, aos meus amigos e ofereço esse prêmio a todos os brasileiros que tanto esperam de seus intelectuais.*

Entre 1980 e 2000, Milton recebeu vinte títulos de *Dr. Honoris Causa* de Universidades do Brasil, da América Latina e da Europa. Publicou e organizou mais de quarenta livros e mais de 300 artigos em revistas científicas, em português, francês, espanhol e inglês. Seu último livro, publicado em 2001 pela editora Record, foi *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Fez pesquisas e conferências em diversos países, dentre os quais: Japão, México, Colômbia, Costa Rica, Índia, Argentina, Uruguai, Tunísia, Argélia, Costa do Marfim, Benin, Togo, Gâmbia, Panamá, Nicarágua, Espanha, Portugal, República Dominicana, Cuba, Estados Unidos, França, Tanzânia, Venezuela, Peru, Inglaterra, Suíça, Bélgica, Senegal e Itália. Concedeu inúmeras entrevistas à mídia falada e escrita, à entidades diversas, a estudantes etc.

Em 1996, para comemorar seus 70 anos, amigos prestaram-lhe uma homenagem, num Seminário Internacional, em São Paulo, denominado *O mundo do cidadão. Um cidadão do mundo*. Nessa ocasião, foi lançado um livro com o mesmo nome, com depoimentos de 67 intelectuais e amigos de todas as partes do mundo, acolhidos na ocasião pela USP, dentre os quais, Manoel Correia de Andrade, Mauricio Abreu, Aurora García Ballesteros, Paul Claval, Leila Dias, Inês Costa Ferreira, Octavio Ianni, Rosa Ester Rossini, Armen Mamigonian, Joaquim Bosque Maurel, Rui Moreira, Aldo Paviani, Richard Pæet, Ana Clara Torres Ribeiro, Teresa Barata Salgueiro, David Slater, Neil Smith, Marlene d'Aragão Carneiro, Teresa Cardoso da Silva, José Estebanez Alvarez, Jacques Lévy, Creuza Santos Lage, Neyde Maria Gonçalves, Silvio Dvoretcki, Saskia Sassen, Maria Azevedo Brandão, Délio Ferraz Pinheiro, Carlos Rebóratti, Graciela Ortega, Daniel Hiemaux-Nicolas, Jorge Gaspar, Pedro Geiger, Adir Rodrigues, Ana Fani Carlos, Pablo Ciccolella, José Borzacchiello, José Estebanez Álvarez, Miguel Panadero, Ana María Gicochea, Terence McGee, Germán Wettstein, Maria Auxiliadora da Silva, Remy Knafou, Pedro Vasconcelos e Sílvio Bandeira de Melo, entre outros. A professora Maria Adélia Apárcida de Souza e o grupo de jovens mestrandos e doutorandos do professor Milton Santos na USP organizaram a cerimônia. O livro foi organizado pela professora Maria Adélia de Souza, que contou com a colaboração dos professores George Benko, de Paris-Sorbonne; Hélène Lamicq, da Universidade de Creteil, Milton Santos Filho, da Faculdade de Economia da UFBA; Juiz Cruz Lima, da Universidade do Ceará e Maria Auxiliadora da Silva, da UFBA. Esta cerimônia marcou o reconhecimento pleno da importância do Milton Santos.

Segundo Maria Adélia de Souza,

Milton foi exilado político. Mas, como poucos não tira proveito disso, exerce vivamente a ética na política. Jamais se comportou como vitrine do regime militar (...) Sofreu todas as dificuldades para se estabelecer e sobretudo, reingressar na vida e nas universidades brasileiras. Apesar das vicissitudes, procura exercer o seu labor e construir, aí sim, um profundo pensamento teórico e político que o Brasil e os brasileiros necessariamente, aos poucos, estão tendo de conhecer e admirar. Milton se instala, não como herói que volta carregado nos braços do povo, mas, difícil, cautelosa e profundamente, vai se impondo como um dos principais pensadores e intelectuais brasileiros, com um pensamento e uma posi-

ção política profundos e inarredáveis. No exílio, se dedica obstinadamente aos estudos. É aí que fundamenta, sem dúvida nenhuma, sua obra posterior.

Além das universidades francesas, americanas e latino-americanas, da África e da Ásia, Milton Santos colaborou ainda com a Complutense de Madrid, de Barcelona e de Lisboa.

Na trajetória de Milton Santos é importante relembrar sua disponibilidade para os amigos, para os jovens, seu interesse por eles, sua percepção aguçada, que fez de cada um que privou de sua amizade, sentir-se único. Essa afeição também atingiu amigos como Octávio Ianni, Gervásio Neves, Michel Pally, Joaquim Bosque Maurel, Paul Claval, Jacques Hubschman. Estar ao lado do professor Milton Santos trazia a segurança de estar perto da sabedoria. Sua presença era forte e ao mesmo tempo suave e sua energia, vontade e alegria eram contagiantes.

Em 24 de junho de 2001 a saudade toma o lugar de sua presença generosa, do seu sorriso aberto, de sua fala firme e suave, ficando a certeza de termos convivido com quem soube, mais do que ninguém, defender a construção de um mundo mais humano.

Salvador/BA, setembro de 2001